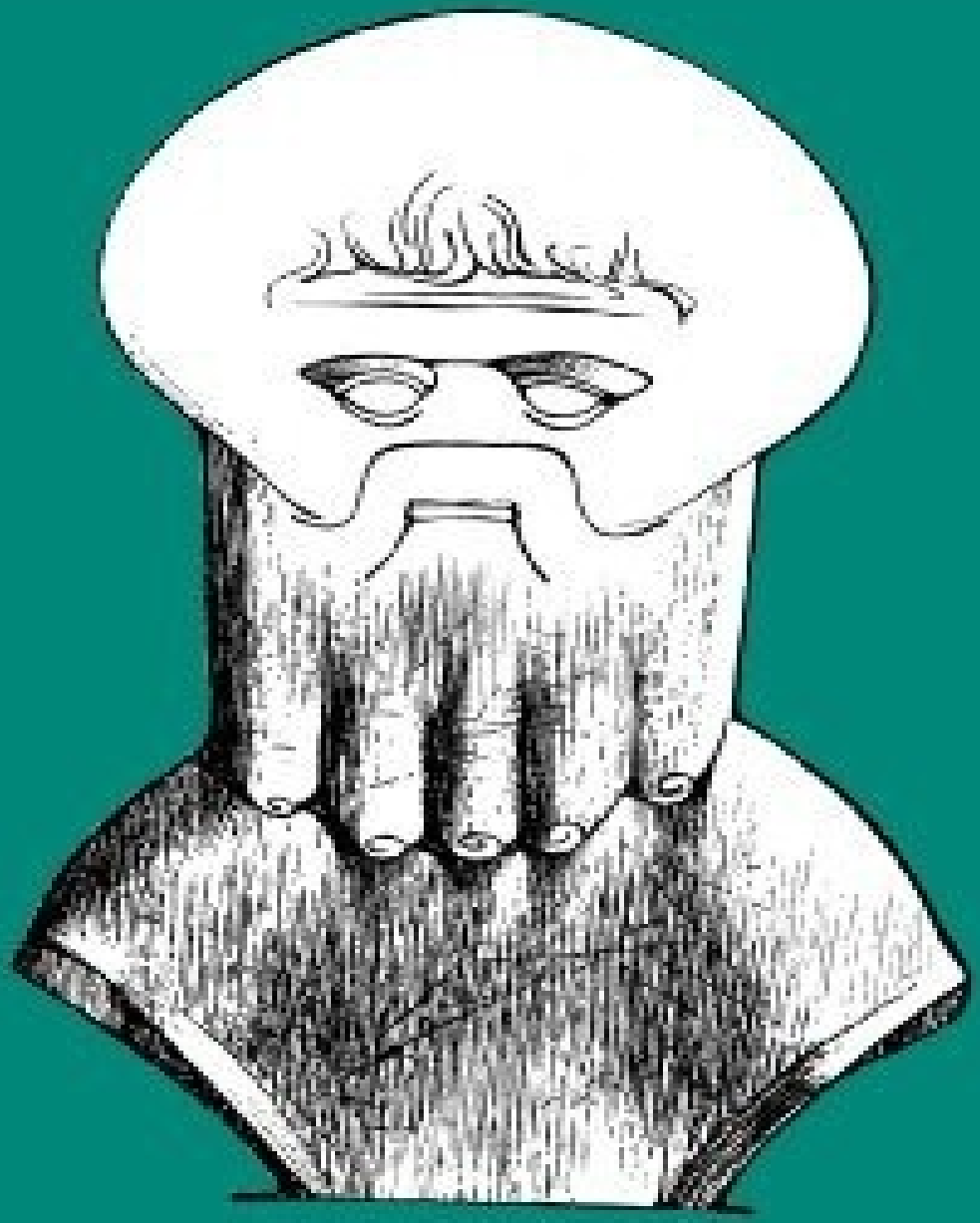
PAUL STRATHERN

PLATÃO

em 90 minutos



ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Platão em 90 minutos

Paul Strathern

Título original: *Plato in 90 minutes*

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 1996 por Constable, de Londres, Inglaterra

Introdução e Raízes de Suas Ideias

Platão foi a ruína da filosofia ou, pelo menos, assim nos querem fazer acreditar alguns pensadores modernos. De acordo tanto com Nietzsche quanto com Heidegger, a filosofia jamais se recuperou das reflexões de Sócrates e Platão no século V a.C. A filosofia existia há menos de duzentos anos e, sob muitos aspectos, mal começara. Mas, ao que parece, foi aí que ela se perdeu.

Sócrates nada escreveu, e a maior parte do que sabemos sobre ele vem do personagem quase histórico que aparece nos diálogos de Platão. Muitas vezes é difícil saber quando esse personagem está lançando as Ideias expressas pelo Sócrates real ou simplesmente agindo como um porta-voz das Ideias de Platão. De qualquer modo, no entanto, essa figura diferia radicalmente dos filósofos que o haviam precedido (conhecidos com frequência como pré-socráticos).

De que maneira, então, Sócrates e Platão arruinaram a filosofia antes que ela tivesse propriamente começado? Aparentemente cometeram o erro de tratá-la como uma investigação racional. A introdução da análise e do argumento irrefutável destruiu tudo.

Qual era, porém, essa preciosa tradição pré-socrática destruída pela introdução da razão? Entre os filósofos pré-socráticos estavam alguns brilhantes excêntricos que formulavam todo tipo de questões profundas:

"O que é a realidade?", "O que é a existência?", "O que é o ser?". Muitas dessas perguntas permanecem sem resposta *dos* filósofos até os dias atuais (inclusive os filósofos modernos que se recusam a entrar no jogo, declarando que tais perguntas simplesmente não deviam *ser* feitas).

O mais interessante (e mais estranho) *dos* pré-socráticos foi, de longe, Pitágoras, hoje mais conhecido por seu teorema que iguala a soma dos quadrados dos catetos de um triângulo reto ao quadrado de sua hipotenusa. Por séculos a fio *esse teorema* proporcionou a muitos o primeiro entendimento genuíno da matemática - o de que jamais entenderão matemática. Foi Pitágoras quem influenciou Platão de modo mais intenso, e é a ele que devemos recorrer como *fonte* de muitas das Ideias platônicas.

Pitágoras era mais do que um mero filósofo. Também conseguiu conciliar os papéis de líder religioso, matemático, místico e especialista em nutrição. Essa grande façanha intelectual iria deixar marcas em suas Ideias filosóficas.

Pitágoras nasceu em Samos por volta de 580 a.C , mas fugiu da tirania *local* para fundar sua escola de religião-filosofia-nutrição e matemática na colônia grega de Crotona, no sul da Itália. Ali expediu uma longa lista de regras para seus alunos-discípulos-místic*os-gourmets.* Entre outras proibições, era-lhes vedado comer vagem ou coração, ser o primeiro a cortar o pão ou permitir que andorinhas fizessem ninhos em seus *tetos* - e em nenhuma circunstância poderia qualquer um deles comer seu próprio cachorro. Segundo Aristóteles, Pitágoras ainda encontrou tempo para realizar alguns milagres - embora Aristóteles, de maneira pouco característica, não forneça detalhes específicos. Na opinião de Bertrand Russell, Pitágoras era uma combinação de Einstein e da sra. Eddy (a fundadora da Ciência Cristã).

Infelizmente, a impressionante gama de credenciais de Pitágoras não conseguiu impressionar os cidadãos de Crotona, que finalmente se cansaram da situação e o obrigaram a fugir mais uma vez. Estabeleceu-se um pouco mais abaixo, em Metaponto, onde morreu em torno de 500 a.C. Seus ensinamentos floresceriam por outros cem anos aproximadamente, difundidos por todo o sul da Itália e pela Grécia por

seus discípulos místico-matemáticos. Foi assim que Platão veio a ouvir falar dele.

Assim como Sócrates, Pitágoras tomou a precaução de nada registrar por escrito. Seus preceitos somente chegaram a nós através das obras de seus discípulos, que agora sabemos terem sido os responsáveis por grande parte da mistura de pensamento, prática, matemática, filosofia e loucura, que hoje rotulamos de pitagorismo. Na realidade, quase não se tem dúvida de que o famoso teorema a respeito do quadrado da hipotenusa não foi descoberto pelo próprio Pitágoras. (O que não deixa de ser estimulante para os não-matemáticos, uma vez que significa que Pitágoras tampouco entendia o teorema de Pitágoras.)

Platão estava destinado a ser profundamente influenciado pelo famoso dito "Tudo é número", chave do pensamento puramente filosófico de Pitágoras, que era tão profundo quanto poderoso. Pitágoras acreditava que, para além do mundo confuso das aparências, existia um mundo abstrato e harmonioso dos números. Essa concepção de número, de fato, estava mais próxima daquilo que chamaríamos de "forma". Os objetos materiais não eram compostos de matéria, mas consistiam, em última instância, nas formas das quais derivavam. O mundo ideal dos números (ou formas) era repleto de harmonia e mais real do que o assim chamado mundo real. Foi Pitágoras, ou os pitagóricos, que descobriu a conexão entre o número e a harmonia musical. À luz dessa descoberta, a teoria das formas (ou dos números) não parece tão forçada. Assim como não parece tão forçada à luz da moderna física subatômica, que prontamente recorre ao número e à descrição da forma, em vez de buscar definições de substância.

Esse pensamento insubstancial era uma característica frequente do pensamento pré-socrático. Heráclito, discípulo de Pitágoras, por exemplo, acreditava que tudo era fluxo, e declarava: "Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio." E, no entanto, curiosamente, isso se distancia do puramente formal, antecipando o pensamento de outro pré-socrático, Demócrito. Foi este quem insistiu que o universo é composto de átomos, conclusão a que chegou bem mais de dois mil anos antes que os cientistas modernos decidissem que talvez estivesse certo. Os filósofos também levaram mais ou menos o mesmo tempo

para concluir o mesmo que o jônico pré-socrático Xenófanes, que declarou candidamente: "Nenhum homem conhece, ou conhecerá algum dia, a verdade acerca dos deuses e de tudo; porque mesmo que alguém, por acaso, dissesse toda a verdade, não obstante, não a reconheceríamos." Essa afirmação é perigosamente semelhante aos pontos de vista expressos no século XX por Wittgenstein.

Foi essa a rica e variada tradição filosófica da qual surgiu Platão.

Vida e Obra

Platão era um famoso atleta, e o nome pelo qual o conhecemos hoje era o que usava na arena. Platão significa "largo" ou "plano": supõe-se, nesse caso, a primeira acepção, em alusão a seus ombros, embora algumas fontes insistam que seu apelido referia-se à sua testa (mais uma vez, supõe-se a primeira acepção). Ao nascer, em 428 a.C , recebeu o nome de Arístocles. Nasceu em Atenas, ou na ilha de Egina, distante apenas doze milhas do litoral de Atenas, no golfo Sarônico, em uma das grandes famílias políticas de Atenas. Seu pai, Aristo, era descendente de Codro, o último rei de Atenas, e sua mãe tinha como ascendente o grande legislador ateniense Sólon.

Como qualquer membro brilhante de uma família política, as primeiras ambições de Platão residiam em outras áreas. Foi premiado duas vezes como lutador nos Jogos ístmicos, mas parece não ter conseguido chegar às Olimpíadas em Olímpia. Decidiu então tentar tornar-se um grande poeta trágico, mas não impressionou os juízes em nenhuma das principais competições. Derrotado na tentativa de ganhar um ouro olímpico ou de tornar-se uma estrela literária, estava quase resignado a se transformar em mero estadista. Numa última cartada, decidiu experimentar a filosofia e partiu para ouvir Sócrates.

Foi amor à primeira vista. Pelos nove anos seguintes Platão sentou-se aos pés de seu mestre, absorvendo tudo o que podia de suas Ideias. Os combativos métodos de ensino de Sócrates levaram-no a se dar conta de seu pleno tempo em que abriam seus olhos às possibilidades ocultas do assunto. Ainda assim, a despeito de haver encontrado sua verdadeira especialidade, Platão ainda se sentia tentado a se tornar um apóstata e a entrar para a política. Felizmente, foi dissuadido dessa aberração pelo comportamento dos políticos atenienses. Quando os Trinta Tiranos tomaram o poder, após a Guerra do Peloponeso, dois dos líderes (Crítias e Cármides) eram seus parentes próximos. O reino de terror que se seguiu podia ter inspirado um jovem Stalin ou um Maquiavel, mas não impressionou Platão. Os democratas tomaram então o poder, e dois anos depois seu querido mestre foi julgado por acusações forjadas e condenado à morte. Aos olhos de Platão, a

democracia estava tingida com as mesmas cores da tirania.

A íntima associação de Platão com Sócrates o colocava em posição perigosa e, para sua própria segurança, ele foi forçado a sair de Atenas. Assim começou seus *Wanderjahre,* que durariam pelos próximos doze anos. Depois de aprender tudo o que pôde aos pés de seu mestre, aprenderia agora com o mundo. Mas o mundo não era tão vasto naqueles dias e, durante o primeiro período de seu exílio, Platão estudou a apenas vinte quilômetros de distância, no território vizinho de Mégara, com seu amigo Euclides. (Não o famoso geômetra, mas um antigo aluno de Sócrates que se tornara famoso pela sutileza de sua lógica. Euclides tinha tanto amor por Sócrates que viajara disfarçado de mulher através de território ateniense inimigo para estar presente à morte do mestre - talvez justificando assim a antiga crítica que este lhe fazia: de que seus métodos sutis de lógica não eram próprios de um homem.)

Platão permaneceu com Euclides em Mégara durante três anos e partiu depois para Cirene, no norte da África, para estudar com o matemático Teodoro; depois disso, parece ter seguido para o Egito. Segundo um relato frequente, ele desejava visitar alguns magos no Levante e terminou viajando para leste, chegando até as margens do Ganges, mas isso parece improvável. O que sabemos de fato é que, após uma década viajando, Platão chegou à Sicília, onde visitou a cratera do monte Etna, grande atração turística da época - e não apenas um acidente geográfico. Muitos acreditavam que se parecia com o inferno, de modo que uma visita ao local oferecia uma instrutiva visão das futuras condições de vida. Mas, para Platão, a cratera significava uma atração ainda maior, devido à sua ligação com Empédocles, o filósofo-poeta do século V. Empédocles fora dotado com poderes intelectuais tão prodigiosos que ele próprio finalmente se convencera de que era um deus, e mergulhara na lava fervente do Etna para prová-lo. Embora se possa deduzir que, na época da visita de Platão, o contínuo não-ressurgimento de Empédocles deva ter suscitado algumas dúvidas sobre o assunto.

Mais importante ainda, Platão também entrou em contato com os seguidores de Pitágoras, que floresceram por todas as colônias gregas

da Sicília e do sul da Itália. A descoberta de Pitágoras da relação entre o número e a harmonia musical levara-o a crer que os números continham a chave da compreensão do universo. Tudo podia ser explicado em termos de números, que existiam em um reino abstrato localizado além do mundo cotidiano. Essa teoria teve um efeito profundo sobre Platão, que chegou a acreditar que a realidade última era abstrata. O que começou como números em Pitágoras iria tornar-se formas ou Ideias puras na filosofia de Platão.

O elemento central da filosofia de Platão é a Teoria das Ideias (ou das Formas), que ele continuou a desenvolver durante toda sua vida. Isso significa que a teoria de Platão chegou até nós em muitas versões distintas, fornecendo, assim, aos filósofos, material suficiente para discussão pelos séculos seguintes. (Nenhuma teoria filosófica pode esperar ser duradoura, a menos que forneça espaço para que se discuta sua interpretação.)

A melhor explicação da Teoria das Ideias é a do próprio Platão (o que nem sempre é o caso, em filosofia ou qualquer outra área). Infelizmente, sua explicação vem sob a forma de uma imagem, o que a coloca antes no campo da literatura do que no da filosofia. Em resumo, Platão explica que os seres humanos, em sua maioria, vivem como se estivessem em uma caverna escura. Estamos acorrentados, de frente para uma parede branca, com um fogo atrás de nós. Tudo o que conseguimos ver são sombras que tremem, dançando na parede da caverna, e tomamos isso por realidade. Somente se aprendermos a nos virar contra a parede e as sombras, e a escapar da caverna, poderemos esperar ver a verdadeira luz da realidade.

Em termos mais filosóficos, Platão acreditava que tudo o que percebemos ao nosso redor - sapatos, navios, lacres, repolhos e reis, da experiência cotidiana - é mera aparência. A verdadeira realidade é o reino das Ideias ou das formas de que essa aparência decorre. Assim, pode-se dizer que um determinado cavalo negro deriva sua aparência da forma universal de um cavalo da cor negra ideal. O mundo físico que percebemos com os sentidos está em contínuo estado de mudança. Em contrapartida, o reino universal das Ideias, percebido pela mente, é imutável e eterno. Cada forma - como circularidade, homem, cor,

beleza etc. - atua como um modelo para os objetos particulares do mundo. Mas esses objetos particulares são apenas cópias imperfeitas, e sempre em mutação, dessas Ideias universais. Com o uso racional da mente podemos apurar as noções que temos dessas Ideias universais e começar a apreendê-las melhor. Desse modo, podemos nos aproximar da realidade última da luz do dia, localizada além da caverna escura do mundo cotidiano.

Esse reino de Ideias universais possui uma hierarquia, partindo de formas menores para Ideias abstratas mais rarefeitas, das quais a mais elevada é a Ideia do bem. Quando aprendemos a ignorar o mundo dos particulares sempre em mutação e nos concentramos na realidade perene das Ideias, nossa compreensão começa a subir na hierarquia das Ideias até uma apreensão ulterior e mística das Ideias de Beleza, Verdade e, em última instância, do Bem.

Isso nos leva à ética de Platão. Concentrando-nos no mundo particular, tudo o que conseguimos perceber é o bem aparente. Somente com a ajuda da razão podemos alcançar a Ideia universal maior de bem. Platão, nesse ponto, defende antes uma moral de iluminação espiritual do que quaisquer regras particulares de conduta. A Teoria das Ideias foi também criticada por sua falta de aplicação prática. Considerando Platão em sentido literal, já se insinuou que tudo o que ele descreve é uma Ideia do mundo, e não o mundo real. Outros alegam que o mundo das Ideias existe apenas no espírito, tendo pouca relação com o mundo do qual essas Ideias provêem. Por outro lado, a natureza essencialmente transcendente da filosofia de Platão significava que grande parte de seu pensamento seria mais tarde aceitável para o cristianismo.

Durante sua temporada na Sicília, Platão tornou-se amigo íntimo de Díon, cunhado de Dionísio, monarca de Siracusa. Díon levou seu novo amigo para conhecer Dionísio, possivelmente na esperança de obter-lhe uma nomeação de filósofo-residente na corte. Mas, a despeito das viagens de Platão por todo o mundo, ele continuava a ser em grande parte um aristocrata ateniense e não se adaptou às maneiras provincianas da corte siracusana. Dionísio era um oficial do exército e um tirano, que também tinha exageradas pretensões literárias.

Acreditava ser duas vezes mais homem do que qualquer de seus contemporâneos. Como para confirmar o fato, casou-se com duas mulheres, Doris e Aristômaca, no mesmo dia. Na noite de núpcias levou as duas para sua cama. De acordo com Plutarco, ele mais tarde passaria com Doris as noites ímpares do mês e com Aristômaca as pares. Dionísio parece ter sido um homem de apetite voraz em todos os sentidos e uma vez realizou um banquete que durou noventa dias.

A vida em Siracusa tinha se aquietado um pouco na época em que Platão entrou em cena. Na realidade, tudo soa bastante agradável em sua descrição, mesmo que ele não tenha "encontrado nada que me agradasse nos hábitos de uma sociedade dedicada à cozinha italiana, onde a felicidade consiste em se empanturrar duas vezes ao dia e em nunca dormir sozinho à noite". Era demasiada comida para Platão, cujo aristocrata fastio ateniense logo deu nos nervos de Dionísio.

Dionísio começara a vida como escriturário na administração civil e, desde o princípio, sobressaíra-se por seus excepcionais dons poéticos. Foi então sendo promovido nas de mérito inexcedível (conforme concordaram prontamente todos os oficiais a ele subordinados). Após tomar o poder, transformou Siracusa, mediante uma série de conquistas brutais, na mais poderosa cidade grega a oeste da Grécia - e, a fim de suavizar as relações diplomáticas, os atenienses garantiram à sua inoportuna peça, *O resgate de Heitor,* um prêmio nas Festas Lenaias.

Dionísio não era o tipo de homem de se deixar intimidar por qualquer arrivista grã-fino com pretensões filosóficas que quisesse mendigar um emprego em sua corte. Quando ele e Platão começaram a discutir filosofia, logo começaram as farpas. Nu m determinado ponto, Platão sentiu-se forçado a apontar uma falha em seu raciocínio.

- Falas como um tolo senil - exclamou Dionísio com repugnância.

- E tu falas como um tirano - retrucou Platão. Dionísio decidiu, em consequência disso, viver de acordo com a observação do filósofo e mandou acorrentá-lo. Platão foi colocado em um barco espartano em direção a Egina, onde o capitão foi instruído a vendê-lo como escravo.

- Não se preocupe, ele é tão filósofo que nem perceberá - observou Dionísio.

Algumas fontes sustentam que a vida de Platão *esteve em* perigo nesse momento. Mas o fato de ele ter sido mandado para Egina sugere o contrário - assim como dá a entender que essa ilha era provavelmente sua terra natal, ao invés de Atenas. Devolver Platão à sua terra como escravo era precisamente o tipo de humilhação que teria agradado a Dionísio. Além disso, ele podia ter razoável certeza de que Platão seria reconhecido e comprado por algum amigo influente - evitando assim quaisquer repercussões diplomáticas sérias com Atenas (o que poderia ter predisposto os juízes na próxima distribuição de prêmios literários).

O plano de Dionísio funcionou exatamente como o planejado. Platão recebeu um susto enorme (a perspectiva de ter de trabalhar para ganhar a vida era o suficiente para provocar arrepios no coração de qualquer filósofo verdadeiro). E não demorou para que Platão fosse localizado no mercado de escravos em Egina por seu velho e bem-sucedido amigo Aniqueris, o Cirenaico, que o resgatou pela pechincha de vinte minas. Aniqueris ficou tão feliz com o preço que teve de pagar que o enviou de volta a Atenas com dinheiro suficiente para instalar uma escola.

Em 386 a.C. Platão comprou um lote de terra nos Jardins de Academos, que ficava a mais ou menos um quilômetro e meio a noroeste de Atenas, passando o Portão Eriai, nas antigas muralhas da cidade. Era uma região de parques, cheia de plátanos, em cuja sombra jaziam inúmeras estátuas e templos. Foi aí que Platão, no meio de alamedas frias e córregos sussurrantes, abriu a Academia, reunindo em torno de si um grupo de seguidores que, inusitadamente, incluía várias mulheres (entre as quais Axiotéia, que se vestia como homem). A Academia é reconhecida (e reconhecível) como a primeira universidade.

Os Jardins de Academos, onde Platão se estabeleceu (e de onde a escola derivou seu nome), foram assim designados graças a um morador antigo chamado Academos, um obscuro herói semidivino da mitologia ática. Aparentemente, o principal feito de Academos foi ter plantado nesse local doze oliveiras nascidas de ramos da oliveira sagrada de Palas Atena na Acrópole. Ainda pelo fato de Platão ter escolhido esse local, Academo é até hoje lembrado em todo o mundo civilizado e seu nome transliterado tudo prestigia, de escolas de

secretariado a cinemas, passando por um time de futebol escocês, além de prêmios anuais para heróis semidivinos semelhantes por seus feitos obscuros.

Os Jardins de Academos *são* hoje uma longa extensão de terreno baldio a noroeste de Atenas, onde ermos subúrbios começam a crescer com uma periferia miserável. Sob as árvores, ao lado da estação de ônibus, jazem pedras antigas estranhamente dispersas, pilhas ocasionais de lixo doméstico e bancos pichados com *graffiti* ("Death Metal", "Motor-breath"). A sede da Academia e a casa onde Platão viveu estão, quase com certeza, perdidas para sempre. Surpreendentemente, porém, a casa de Academos ainda se encontra lá. Sob o teto de metal colocado pelos arqueólogos como proteção, podem- se ver expostos seus alicerces e os restos de suas paredes de tijolos de barro, que já se encontravam *no local* há quase dois mil anos quando Platão ali se estabeleceu.

Entretanto, do outro lado do terreno baldio, existe um moderno acampamento, onde condições comparáveis àquelas da casa pré-histórica de Academos ainda prevalecem mais de quatro mil anos depois. Entre os barracos feitos com papelão e poças de água parada, crianças imigrantes de cabeça raspada brincam sob o sol escaldante, em meio a nuvens de moscas, enquanto suas mães, com a cabeça coberta por lenços, sentam-se com as pernas curvadas no meio do lixo, amamentando crianças nuas de pele escura.

"O que é a Justiça?", pergunta Platão em sua obra mais conhecida, *A República.* Nesse diálogo, ele reúne Sócrates e um elenco de personalidades para um jantar na mansão solitária de um magnata. No momento em que Sócrates assume o controle da conversa, todos já haviam decidido que não há sentido em se tentar definir justiça, a não ser no contexto mais amplo de sociedade. E assim Sócrates passa a desenvolver sua Ideia do que seja uma sociedade justa.

Considera-se, geralmente, que os primeiros diálogos escritos por Platão, mas protagonizados por Sócrates, contêm as Ideias de Sócrates. Nos diálogos intermediários e nos últimos, essas Ideias passam como que por uma transformação, e percebe-se que os pensamentos expostos por Sócrates pertencem a Platão. *A República é* o mais sofisticado

diálogo do período intermediário e, ao longo de sua receita para uma sociedade justa, Platão expõe seus pontos de vista sobre tópicos abrangentes como liberdade de expressão, feminismo, controle de natalidade, propriedade pública e privada e muitos outros. Justamente o tipo de assunto que tomamos o cuidado de evitar em qualquer jantar agradável. Mas *A República* não estava destinada a ser um jantar agradável, logo descobrimos. E a sociedade ali proposta tampouco seria agradável. As opiniões de Platão sobre *os* tópicos mencionados são quase todas discordantes, em essência, das hoje defendidas por todos, à exceção dos francamente fanáticos e dos totalmente tolos.

Na república ideal de Platão não haveria propriedades ou casamento (a não ser para as classes inferiores, que se presumia serem as únicas que se adequavam a esses hábitos). As crianças seriam tiradas de suas mães logo após o nascimento e educadas comunitariamente. Dessa forma, elas considerariam o estado como seus pais e todos os contemporâneos se tornariam irmãos e irmãs. Até a idade de vinte anos esses bastardos compulsórios receberiam educação em ginástica e em música edificante. (Não se permitia música jônica ou lídia, apenas marchas militares para instilar coragem e amor à pátria.)

Tudo isso nos faz pensar sobre a própria infância de Platão. E pelo depoimento bastante preciso de Diógenes Laércio ficamos sabendo que seu pai "amava de forma violenta" sua mãe, mas não "conseguiu conquistá-la". Embora quase com certeza Platão fosse filho legítimo, sua mãe parece ter logo se reunido a um segundo marido, e ele teria então sido criado em diferentes casas. Por isso talvez não surpreenda que tivesse pouco tempo para a vida familiar.

Mas voltemos à Utopia - de acordo com Platão. Ao chegar aos vinte anos, a ralé que tivesse demonstrado insuficiente apreço pelas intermináveis sessões de exercícios *físicos* e pelas orquestras de metais seria eliminada e encaminhada então para executar tarefas menores - tais como tornarem-se fazendeiros ou negociantes e garantirem o sustento de toda a comunidade. Os melhores alunos, no entanto, continuavam a estudar aritmética, geometria e astronomia por dez anos. Ensandecidos pela matemática, o lote seguinte de fracassados era enviado aos quartéis. Restava então apenas a *creme de la creme.* Por cinco anos, até que completassem trinta e cinco anos, era-lhes permitida a grande honra de estudar filosofia. Por quinze anos, então, dedicavam-se ao estudo prático dos assuntos de governo, mergulhando nos hábitos do mundo. Aos cinquenta anos eram considerados aptos a governar.

Esses filósofos-governantes viviam todos juntos em acampamentos comunitários, onde não possuíam quaisquer bens, podendo dormir juntos de acordo com a escolha de cada um. Havia igualdade total entre homens e mulheres (embora em outro diálogo Platão deixe escapar que "se a alma não consegue viver bem, pelo prazo que lhe é concedido, em um homem, passa para o corpo de uma mulher"). Vivendo em comunidades e desprovida de interesses pessoais, essa elite estaria, assim, imune a subornos: sua única ambição seria assegurar a justiça no estado. Desse grupo era escolhido o chefe de estado, o filósofo-rei.

Mesmo para a pequena cidade-estado ideal ("a quinze quilômetros do mar"), onde se pretendia que tudo isso acontecesse, parecia ser uma receita de catástrofe. Na melhor das hipóteses, um tédio entorpecedor - todos os poetas, dramaturgos e pessoas que executavam o gênero não

adequado de música foram banidos (da mesma forma que o foram os advogados, para que não se pudesse processar ninguém). E na pior, um pesadelo totalitário - com o desenvolvimento rápido de todos os métodos habituais e desagradáveis necessários para manter no poder um regime tão impopular.

Olhando em retrospectiva, é fácil detectar falhas nessa apaixonada fantasia infantil. E até mesmo a própria descrição de Platão o coloca numa série de contradições. Os poetas foram banidos e, no entanto, o próprio Platão se utiliza de inúmeras e soberbas imagens poéticas na exposição de seus argumentos. Da mesma forma, o culto aos deuses, a religião e a mitologia eram proibidos, mas Platão inclui diversos mitos em sua obra, e os "filósofos-governantes" carregam uma misteriosa semelhança com a casta sacerdotal. Ele também introduz um Deus próprio ideal, que é implacável e que deve ser obedecido (embora sua existência não possa ser provada).

Na realidade, a visão de Platão da república ideal parece ser estritamente um produto da época. Atenas fora há pouco derrotada por Esparta na guerra do Peloponeso. Nem a democracia nem a tirania tinham dado bons resultados, e havia uma necessidade extrema de alguma forma de governo que pudesse garantir a ordem. (Na verdade, alguns comentadores consideram que, quando Platão fala de justiça, ele pretende com frequência falar de algo semelhante à ordem.) A resposta parecia estar em uma sociedade controlada com rigor, como a que prevalecia em Esparta. Mas, ao contrário de Atenas, Esparta era uma sociedade de filisteus, de economia retrógrada, que, para sobreviver, tinha de produzir uma casta de rufiões desprovidos de cérebro, desejosos de obedecer quaisquer ordens e de lutar até a morte. A missão dessa casta era infligir o terror nas classes inferiores, cada vez mais rebeldes, e intimidar seus vizinhos economicamente poderosos e cada vez mais sofisticados. Ou Platão ignorava todos esses fatos ou não desejava levá-los em consideração.

Na esteira da ingênua crença ética de Sócrates ("os bons são felizes"), Platão acreditava que "apenas os injustos são infelizes". Imponha-se uma sociedade justa e todos estarão bem. Mas o que foi que ele apresentou? Exatamente o tipo de projeto que se esperaria de um

intelectual ilustre e zeloso, encerrado nos Jardins de Academos. Jamais poderia dar certo.

O que causa espanto, porém, foi que *deu.* Ou pelo menos alguma coisa parecida. Por mais de um milênio, a sociedade medieval, com suas classes inferiores, sua casta militar e seu clero poderoso, guardou uma semelhança marcante com a república de Platão. E, em épocas mais recentes, o comunismo e o fascismo adotaram muitos dos traços essenciais da república.

Durante muitos anos Platão continuou a ensinar em sua Academia, firmando-a como a mais eminente escola de Atenas. Em 367 a.C , porém, foi informado, por seu amigo Díon, que Dionísio, o tirano de Siracusa, morrera e que seu filho Dionísio (o Jovem) o havia sucedido.

Dionísio, o Jovem, tinha sido mantido, por muitos anos, enclausurado por seu pai, a fim de frustrar quaisquer ambições que pudesse ter nutrido a respeito de sucessão prematura. Encarcerado no palácio real, Dionísio, o Jovem, passara *os* dias diligentemente serrando pedaços de madeira, construindo mesas e bancos.

Segundo Díon, essa era a oportunidade perfeita para Platão. Aí estava o governante ideal para receber dele instruções sobre os métodos do filósofo-rei. Sua mente estava repleta de outras Ideias (ou vazia de Ideias, pelo que se podia ouvir). Agora Platão poderia transformar sua república teórica em prática.

Por algum motivo, Platão não achou a perspectiva particularmente atraente. Mas, finalmente, "o medo de perder a autoestima e de me tornar a meus próprios olhos uma criatura de meras palavras que jamais as coloca em prática" forçou-o a ceder às súplicas do amigo. Vinte anos após sua primeira visita, aos sessenta e um anos, Platão partiu em longa viagem até a Sicília.

Quando chegou, encontrou a corte de Dionísio, o Jovem, fervilhando de intriga. Alguns cortesãos influentes lembravam-se do intelectual elegante da visita anterior - e alguns também pareciam pensar o mesmo de Díon. Em poucos meses, esses inimigos da filosofia arquitetaram acusar a ambos, Platão e Díon, por traição. (Uma armadilha frequente para aqueles que planejam estabelecer uma

utopia.) De início o rei-carpinteiro não sabia ao certo o que fazer. Depois, receoso do poder de Díon, baniu seu tio - mas recusou-se a deixar Platão sair. Não queria que Platão o difamasse quando retornasse a Atenas, informou ao velho filósofo.

- Acho que temos assuntos de sobra para tratar na Academia, sem termos de recorrer a isso - retrucou Platão.

Felizmente, alguns amigos logo conseguiram engendrar a fuga de Platão e ele retornou a Atenas, onde seus fiéis discípulos e Díon o esperavam na Academia.

Mas Dionísio, o Jovem, ficou magoado com a traição de Platão. Tinha grande apreço pelas conversas que mantinham sobre filosofia - ainda que não esboçasse qualquer intenção de colocar sequer uma delas em prática. (Siracusa dificilmente estaria em condições de se entregar a tais experiências. Na época, era o único estado forte a conseguir resistir ao avanço de Cartago sobre a Itália. Tivesse sido feita a tentativa de pôr em prática a república de Platão em Siracusa, e a história mundial poderia ter sido totalmente alterada, embora não exatamente da maneira como pretendia Platão. Com o colapso de Siracusa, Cartago teria ficado livre para dominar a Itália, esmagando a embrionária República Romana, e a Europa poderia muito bem ter passado alguns séculos como parte de um império africano.)

Dionísio, o Jovem, parece ter começado a ver Platão como uma espécie de figura paterna e estava sem dúvida com ciúmes do afeto de Platão por seu tio Díon. O rei continuou a importuná-lo com pedidos para que retornasse a Siracusa. Enlouquecido, declarava a todos que o ouvissem (e tendem a ser muitos quando se é rei, mesmo que demente por meses a fio) que a vida já não valia a pena ser vivida sem a companhia de seu professor de filosofia. Finalmente, enviou sua trirreme mais veloz a Atenas e ameaçou confiscar todos os bens (que eram consideráveis) de Díon em Siracusa, caso Platão não viesse vê-lo.

Enfim, contrariando sua intuição, Platão zarpou, aos setenta e um anos, para Siracusa. Parece ter sido convencido por Díon - que pode muito bem, a essa altura, ter sido influenciado por outras preocupações que não a possibilidade de implantar a utopia de Platão e de

"demonstrar ao tirano a primazia da alma sobre o corpo".

Quase de imediato, Platão era novamente um prisioneiro virtual em Siracusa - sem dúvida, recusando-se, duas vezes por dia, a empanturrar-se de comida italiana e tendo que, irritado, expulsar indesejáveis todas as noites de sua cama. Mas felizmente foi mais uma vez resgatado, desta vez com a ajuda de um solidário pitagórico de Tarento, que veio apanhá-lo na calada da noite em sua trirreme. Com os escravos das galés movimentando-se bravamente ao ritmo do chicote, o velho filósofo cruzou célere o mar em direção à segurança de Atenas. (Alguns anos mais tarde, Díon conseguiu o que talvez tivesse sido seu objetivo desde o início. Invadiu Siracusa, destronou Dionísio, o Jovem, e assumiu ele próprio o poder. Tentaria implantar a república de Platão, agora que finalmente tinha a chance? Parece que não. Mas a justiça poética teria êxito onde a justiça platônica falhara. Díon foi logo depois assassinado - traído, de forma bastante curiosa, por um antigo discípulo de Platão.)

Assim terminaram as incursões de Platão na esfera política - o Império Romano estava salvo. No entanto, em decorrência de suas teorias não experimentadas, o mundo medieval que emergeria do Império Romano teria um modelo; e mais tarde os símiles de Stalin e Hitler teriam um precedente clássico para seus feitos. Estava Platão completamente enganado? Em sua concepção, o verdadeiro conhecimento ou a compreensão só poderiam ser apreendidos pelo intelecto e não pelos sentidos. A mente deve retirar-se do mundo empírico se quiser alcançar a verdade. Se Platão acreditava seriamente nisso, é muito difícil entender por que sentiu necessidade de se envolver com a política, em primeiro lugar. Tal postura filosófica é incompatível com a prática da política. Não obstante, de acordo com Platão: "A menos que os filósofos se tornem governantes ou que os governantes estudem filosofia, os males da humanidade não terão fim." (Na prática aconteceu precisamente o contrário. Os governantes inspirados por Ideias filosóficas causaram muito mais problemas do que os totalmente ignorantes em filosofia.)

A parte não-política da filosofia de Platão também exerceria grande influência durante muitos séculos, principalmente por sua mescla com o

cristianismo, proporcionando àquilo que começara como simples fé uma base filosófica mais firme.

Para Platão, a alma humana consistia em três elementos distintos. O elemento racional esforçava- se por obter conhecimento, o espírito ativo buscava conquista e distinção, enquanto os apetites procuravam satisfação. (Esses elementos repercutirão nos três elementos da sociedade que Platão descreve na *República:* os filósofos, os homens de ação ou soldados e a ralé, que mantinha o mundo em andamento e acreditava em se divertir.) O homem honrado é governado pela razão, mas os três elementos têm um papel a desempenhar. Não poderíamos prosseguir sem satisfazer nossos apetites, assim como todo o estado ficaria paralisado se os operários desistissem de trabalhar e de se divertir, tentando, ao contrário, tornarem-se filósofos. A questão reside em que a honradez só pode ser alcançada quando cada um dos três elementos da alma cumpre sua função específica

- assim como a justiça só é alcançada, em grande parte, no estado quando cada um dos três elementos sociais cumpre o papel que lhe é destinado na sociedade.

O mais agradável diálogo de Platão é, sem dúvida, *O banquete,* consagrado à discussão do amor em suas várias manifestações. Os gregos antigos não eram pudicos em relação ao amor erótico, e o trecho em que Alcibíades descreve seu amor homossexual por Sócrates garantiria censura ampla ao livro - que se tornaria o primeiro clássico *underground* nas celas dos mosteiros medievais. (Novas edições do *Banquete* foram solenemente colocadas no índex de obras proibidas pela Igreja católica até 1966.)

Em Platão, Eros é considerado o impulso da alma em direção ao bem. Em sua forma inferior, expressa-se em nossa paixão por uma pessoa bonita e em nosso desejo de imortalidade construindo com ela uma prole. (Embora seja difícil ver como isso se aplicaria a Alcibíades - uma vez que Sócrates não era nenhuma beldade e não havia possibilidade de prole no caso.) Uma forma superior de amor contempla a união dedicada a anseios mais espirituais, proporcionando o bem social. A forma mais elevada de amor platônico é consagrada à filosofia, e seu ápice é o alcance de uma visão mística da Ideia de Bem.

As Ideias de Platão sobre o amor estavam destinadas a exercer profunda influência. Elas decorrem da noção de amor cortês, tão popular entre os poetas trovadores no início da Idade Média. Alguns veem na sua compreensão de Eros um modelo prematuro para as fantasias sexuais mais sinistras de Freud. Atualmente, a noção de amor platônico tem sido depreciada a ponto de descrever uma forma de atração quase extinta entre os sexos. Até mesmo a Teoria das Ideias, destinada a nos guiar à apreensão mística da Beleza, da Verdade e do Bem, foi despojada de boa parte de sua grandeza etérea. Os críticos ressaltam que essa teoria supõe simplesmente que o mundo funciona como a linguagem - com as palavras e os conceitos abstratos assumindo o lugar mais elevado. Pode ser uma suposição errada, mas ainda não conseguimos nos ver totalmente livres dela. Platão sugeriu que o mundo real não é o mesmo que apreendemos e descrevemos - através da experiência e da linguagem. E por que deveria ser? Na verdade, é improvável que seja. Mas, como poderemos afirmar?

Aos oitenta e um anos, Platão morreu e foi sepultado na Academia. A despeito da inverossimilhança de sua filosofia, muitas de suas hipóteses permanecem em nossas atitudes em relação ao mundo. A Academia floresceria em Atenas até ser finalmente fechada pelo imperador Justiniano em 529 d.C , em sua tentativa de abolir a cultura helenista paga em favor do cristianismo. Essa data é hoje considerada por muitos historiadores como a marca do fim da cultura greco-romana e do início da Idade das Trevas.

POSFÁCIO

Assim como Sócrates foi seguido por seu discípulo Platão, também Platão foi seguido por seu discípulo Aristóteles - completando, assim, o triunvirato de grandes filósofos gregos. Aristóteles desenvolveu e criticou o pensamento de Platão, introduzindo muitas Ideias próprias e criando, nesse processo, sua própria filosofia. No entanto, a filosofia de Platão em sua forma mais pura continuou a florescer na Academia, onde se torno u conhecida como platonismo.

Com o advento do Império Romano, essa filosofia gradualmente se espalhou, livrando-se, ao longo do caminho, de vários aspectos da filosofia de Platão. Obviamente, qualquer discussão sobre utopias políticas não era aconselhável nu m império regido por figuras como Calígula ou Nero. Outras Ideias, como as referentes à matemática, eram simplesmente ignoradas, uma vez que os romanos não estavam interessados no assunto.

Com o passar dos anos o platonismo começou a se desenvolver. Alguns de seus praticantes mais leais finalmente chegaram à conclusão de que, embora a filosofia de Platão estivesse correta, o próprio Platão com frequência não sabia sobre o que estava falando. Esses filósofos decidiram que *eles* sabiam sobre o que Platão estava falando, e o resultado foi uma nova versão da filosofia de Platão conhecida como neo- platonismo. De maneira geral, os neoplatônicos enfatizaram *os* elementos místicos do platonismo. Tendiam a acreditar numa hierarquia do ser, que se eleva da multiplicidade à máxima simplicidade do Bem (ou do Uno).

O principal expoente do neoplatonismo foi o filósofo do século III d.C. Plotino, educado em Alexandria. Plotino foi aluno de um cristão proscrito que se tornou platônico, e algumas de suas Ideias viriam a adquirir um teor quase cristão. Mas, à medida que o cristianismo e o neoplatonismo se espalharam pelo Império Romano, inevitavelmente entraram em conflito. Durante algum tempo, o neoplatonismo foi visto como a principal resistência à avalanche do cristianismo.

O século IV, no entanto, viu o nascimento de santo Agostinho de

Hipona, a mente filosófica mais requintada desde Aristóteles. Santo Agostinho estava perturbado com a falta de conteúdo intelectual do cristianismo e se sentiu atraído pelo neoplatonismo. Finalmente, conseguiu harmonizar a filosofia de Plotino com a teologia ortodoxa cristã. Dessa forma, o cristianismo recebeu um alicerce intelectual mais firme - e as elaboradas Ideias de Platão foram enxertadas na única força intelectual que se mostrou capaz de sobreviver à Idade das Trevas que se seguiria.

O platonismo (de um ou de outro tipo) tornou- se, assim, parte da tradição cristã, que, através dos séculos, produziu uma série de pensadores que entenderam Platão melhor do que o próprio, os platônicos, os neoplatônicos, santo Agostinho etc. etc. *Os* platônicos continuaram a florescer nas principais universidades européias - principalmente na Alemanha e em Cambridge - já bem avançado o século XX, mas a espécie parece estar atualmente extinta.

Citações-chave

A filosofia começa com a perplexidade.
Teeteto, 155d

- E agora - disse eu - compara com a seguinte situação o estado de nossa alma com respeito à educação ou à falta desta. Imagina uma caverna subterrânea provida de uma vasta entrada aberta para a luz e que se estende ao largo de toda a caverna, e uns homens que lá dentro se acham desde meninos, amarrados pelas pernas e pelo pescoço de tal maneira que tenham de permanecer imóveis e olhar tão-só para a frente, pois as amarras não lhes permitem voltar a cabeça; atrás deles e num plano superior, arde um fogo a certa distância, e entre o fogo e os encadeados há um caminho elevado, ao longo do qual faze de conta que tenha sido construído um pequeno muro semelhante ao tapume que os exíbidores de marionetes colocam entre eles e o público acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo.
- Vejo daqui a cena - disse Glauco.
- E não vês também homens a passar ao longo desse pequeno muro, carregando toda espécie de objetos, cuja altura ultrapassa a da parede,

e estátuas e figuras de animais feitas de pedra, de madeira e outros materiais variados? Alguns *desses* carregadores conversam entre si, outros marcham em silêncio.
- Qu e estranha situação descreves, e que estranhos prisioneiros!
- Eles são semelhantes a nós - disse eu. - Em primeiro lugar, crês que os que estão assim tenham visto outra coisa de si mesmos, ou de seus companheiros, senão as sombras projetadas pelo fogo sobre a parede fronteira da caverna?
- Como seria possível, se durante toda a sua vida foram obrigados a manter imóveis as cabeças?
- E dos objetos transportados, não veriam igualmente apenas as sombras?
- Sim.
- E se pudessem falar uns com os outros, não julgariam estar se referindo ao que se passava diante deles?
- Forçosamente.
- E se, além disso, houvesse um eco vindo da parede diante deles? Cada vez que um dos passantes falasse, não creriam eles que quem falava era a sombra que viam passar?
- É indubitável.
- Para *eles,* pois - disse eu - a verdade, literalmente, nada mais seria do que as sombras dos objetos fabricados.
A República, Livro VII, 5 l4a-c

Mas, se isto é verdade, devem estar em erro certos educadores que dizem infundir ciência na alma que não a possui como quem dá vista a *olhos* cegos.
- Com efeito, assim dizem.
- Ora, o nosso argumento mostra que o poder e a capacidade de aprender já existem na alma; e que, assim, como o olho é incapaz de voltar-se das trevas para a luz sem ser acompanhado do corpo inteiro; também a faculdade de conhecer só pode apartar-se do mundo das coisas contingentes por meio de um movimento da alma inteira, até que esteja em condições de enfrentar a contemplação do ser, inclusive da parte mais brilhante do ser, que é o que chamamos a Ideia do Bem.
A República, Livro VII, 18b-c

Deus está inocente nisso.

A República, Livro X, 617e

Não se esqueça de que a aprovação popular é um meio para chegar à realização, enquanto um temperamento arbitrário tem como companhia a solidão.
Cartas, IV, 321c

O indivíduo é justo da mesma maneira por que o é a cidade. Por outro lado, não esquecemos ainda que a justiça consistia, na cidade, em realizar cada classe a espécie de trabalho que lhe era própria... cada indivíduo só será justo, e fará também o que lhe é próprio, quando cada uma das partes que nele existem fizer o que lhe é próprio...
A República, Livro IV 441 d

É ao princípio racional que compete o governo, em virtude de sua prudência e da previsão que exerce sobre a alma inteira, assim como ao princípio irascí- vel cabe ser seu súdito e aliado.
E esses dois, assim criados e educados, e verdadeiramente instruídos no tocante às suas funções, se imporão ao princípio concupiscente, que, ocupando a maior parte da alma de cada um, é por índole insaciável de bens. A ele montarão guarda, para que, repleto dos chamados prazeres do corpo, não se faça grande e forte e, deixando de executar o que lhe cabe, tente escravizar e governar o que por natureza não lhe está sujeito, e deste modo transtorne a vida inteira do homem.
A República, Livro IV, 44l e & 442a

Eu tive um sonho e nesse sonho foi-me dito que os primeiros elementos dos quais todas as coisas, inclusive você e eu, são feitas, são de tal modo que ninguém consegue explicá-los. Cada um deles, por si mesmo, só pode ser designado; não podemos atribuir-lhes mais nada. Não podemos nem mesmo dizer que eles existem, ou que não existem, se queremos falar deles separadamente, porque fazê-lo seria inferir os atributos da existência ou neo-existência.
Não podemos definir quaisquer desses elementos primitivos. Eles só podem ser nomeados, pois não têm nada a não ser um nome. No entanto, as coisas compostas desses elementos, por serem tão complexas, são definidas por uma combinação de nomes que constitui uma descrição, tendo em vista que uma descrição é a essência de sua

definição.
Teeteto, 20 l e (b em algumas traduções)

- Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: "Este objeto que estou vendo agora tem tendência para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior." Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tenhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente.
- Sim, é necessário.
- Portanto, é necessário que tenhamos anteriormente conhecido o Igual, mesmo antes do tempo em que pela primeira vez a visão de coisas iguais nos deu o pensamento de que elas aspiram a ser tal qual o Igual em si, embora lhe sejam inferiores.
- É isso mesmo.
- Mas também estamos de acordo sobre o seguinte: uma tal reflexão e a possibilidade mesma de fazê-la provêm unicamente do ato de ver, de tocar, ou de qualquer outra sensação; pois o mesmo podemos dizer a respeito de todas.
- De fato, é o mesmo, Sócrates, pelo menos em relação ao fim visado pelo argumento.
- Como quer que seja, seguramente são as nossas sensações que devem dar-nos tanto o pensamento de que todas as coisas iguais aspiram à realidade própria do Igual, como o de que elas são deficientes relativamente a este. Quer dizer, senão isto?
- Isto mesmo!
- Assim, pois, antes de começar a ver, a ouvir, a sentir de qualquer modo que seja, é preciso que tenhamos adquirido o conhecimento do Igual em si, para que nos seja possível comparar com essa realidade as coisas iguais que as sensações nos mostram, percebendo que há em todas elas o desejo de serem tal qual é essa realidade, e que, no entanto, lhe são inferiores!
- Necessária consequência, Sócrates, do que já dissemos.
- Logo que nascemos começamos a ver, a ouvir, a fazer uso de todos os nossos sentidos, não é verdade?
- Efetivamente.

- Sim, mas era preciso antes, como já dissemos, ter adquirido o conhecimento do Igual?
- Sim.
- Foi, portanto, segundo parece, antes de nascer que necessariamente o adquirimos?
- É o que parece.
- Assim, pois, que o adquirimos antes do nascimento, uma vez que ao nascer já dele dispúnhamos, podemos dizer, em consequência, que conhecíamos tanto antes como logo depois de nascer, não apenas o Igual, como o Maior e o Menor, e também tudo o que é da mesma espécie? Pois o que, de fato, interessa agora à nossa deliberação não é apenas o Igual, mas também o Belo em si mesmo, o Bem em si, o Justo, o Piedoso e, de modo geral, digamos assim, tudo o mais que é a Realidade em si, tanto nas questões que se apresentam a este propósito, como nas respostas que lhes são dadas. De modo que *é* uma necessidade adquirir o conhecimento de todas essas coisas antes do nascimento.
Fédon, 73c & 74e (fim) *e seg.*

Diz-se que Sócrates teve um sonho com um jovem cisne que se sentava em seus joelhos. Logo cresceram-lhe plumas, tornou-se um cisne adulto e depois bateu asas deixando escapar um' potente grito melancólico. No dia seguinte, Platão foi apresentado a Sócrates como aluno e Sócrates, imediatamente, reconheceu nele o cisne de seu sonho.
Diógenes Laércio,
Vidas dos filósofos ilustres, Livro 3,5

Cronologia de Datas Significativas da Filosofia

séc. VI a. C. - Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.

final do séc. VI a.C. - Morte de Pitágoras.

399a.C. - Sócrates condenado à morte em Atenas.

c.387 a. C. - Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade.

335a.C. - Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.

324 d. C. - O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.

400 d. C. - Santo Agostinho escreve as Confissões. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.

410 d. C. - Roma é saqueada pelos visigodos.

529 d. C. - O fechamento da Academia em Atenas, pelo imperador Justiniano, marca o fim da era greco-romana e o início da Idade das Trevas.

meados do séc. XIII - Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.

1453 - Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.

1492 - Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.

1543 - Copérnico publica De revolutionibus orbium caelestium (Sobre as revoluções dos orbes celestes), provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.

1633 - Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do universo.

1641 - Descartes publica as Meditações, início da filosofia moderna.

1677 - A morte de Spinoza permite a publicação da Ética.

1687 - Newton publica os Principia, introduzindo o conceito de gravidade.

1689 - Locke publica o Ensaio sobre o entendimento humano. Início do empirismo.

1710 - Berkeley publica os Princípios do conhecimento humano, levando o empirismo a novos extremos.

1716 - Morte de Leibniz.

1739-40 - Hume publica o Tratado sobre a natureza humana, conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.

1781 - Kant, despertado de seu "sono dogmático" por Hume, publica a Crítica da razão pura. Início da grande era da metafísica alemã.

1807 - Hegel publica A fenomenologia do espírito: apogeu da metafísica alemã.

1818 - Schopenhauer publica O mundo como vontade e representação, introduzindo a filosofia indiana na metafísica alemã.

1889 - Nietzsche, após declarar que "Deus está morto", sucumbe à loucura em Turim

1921 - Wittgenstein publica *Tractatus logico-philosophicus*, advogando a "solução final" para os problemas da filosofia

década de 1920 - O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico

1927 - Heidegger publica Sein undZeit (Ser e tempo), anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a continental.

1943 - Sartre publica Lêtre et le néant (O ser e o nada), avançando no pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.

1953 - Publicação póstuma de Investigações filosóficas, de Wittgenstein. Auge da análise linguística.